

Infestação por *Varroa destructor* em abelhas adultas de *Apis mellifera* no Pantanal Sul-Mato-Grossense, 2018-2019¹

Simone França Lemes², Carlos Adriano Ojeda Salles³ e Vanderlei Doniseti Acassio dos Reis⁴

¹ Financiado pelo projeto “Estratégias para o desenvolvimento de soluções sustentáveis em comunidades ribeirinhas e assentamentos rurais do Pantanal” (CNPQ nº 441350/2017-8, Edital MCTIC/CNPq Nº 20/2017 - NEXUS II: Linha 2 - Nexus no Bioma Pantanal)

² Acadêmica do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e bolsista CNPq/PIBIC da Embrapa Pantanal, Corumbá, MS

³ Biólogo, bolsista DTI-C-C/CNPq na Embrapa Pantanal, Corumbá, MS

⁴ Engenheiro-agrônomo, mestre em Entomologia, pesquisador da Embrapa Pantanal, Corumbá, MS

No Brasil, a apicultura está entre os 11 maiores produtores e exportadores mundiais de mel com 35.364 toneladas em 2013. As abelhas africanizadas (*Apis mellifera* L.) sofrem com o processo de parasitismo realizado pelo ácaro *Varroa destructor*, que pode dizimar as suas colônias causando a doença chamada varroatose, quando adere ao corpo desses insetos e suga a hemolinfa dos mesmos. O ácaro adulto possui cor marrom-avermelhada, forma corporal achatada e mede entre 1-1,8 mm de comprimento e 1,5-2 mm de largura. Estes parasitos preferem infestar células de zangões, pois procriam mais de uma vez nesta casta, que leva três dias a mais que uma operária para a emergência do adulto. Em 1995, nos Estados Unidos, foram apontadas as primeiras perdas de colônias em ampla quantidade sem causa determinada, é o fenômeno chamado de CCD (“Colony Collapse Disorder” - Síndrome do Colapso das Colônias) e que muitos pesquisadores o associam à atividade de parasitismo/vetor de vírus desse ácaro nas abelhas *A. mellifera*. O presente trabalho teve como objetivo determinar a taxa de infestação desse ectoparasita nas abelhas adultas. Para isso as abelhas foram separadas em três castas: operárias, zangões e rainhas. Na análise das abelhas adultas foram utilizadas cinco colônias do apiário da Embrapa Pantanal na fazenda Band’Alta situada em Ladário-MS, sendo as pesquisas realizadas entre setembro/2018 a agosto/2019 e vinte colônias de quatro apiários da Embrapa Pantanal localizados na fazenda Nhumirim, sub-região da Nhecolândia do Pantanal, em Corumbá-MS, entre outubro/2018 a agosto/2019. O número de ectoparasitas nas abelhas adultas foi analisado a partir da retirada de aproximadamente 100 abelhas de cada colônia, segundo metodologia padrão em literatura. A taxa de infestação foi obtida pela fórmula: Taxa de infestação (%) = (número de ácaros/número de abelhas) x 100. Os meses analisados foram separados em estações do ano, sendo: primavera: outubro, novembro e dezembro; verão: janeiro, fevereiro e março; outono: abril, maio e junho, e inverno: julho, agosto e setembro. Os resultados obtidos estão expressos em média (%) e desvio padrão. Determinou-se que ocorreu infestação consideravelmente elevada no inverno, em julho/2019, sendo a média de $6,71 \pm 2,11$, e a menor infestação no verão, em fevereiro/2019 com média $0,69 \pm 0,45$ na fazenda Band’Alta. Na fazenda Nhumirim a maior infestação ocorreu no inverno, em agosto/2019 com média $10,05 \pm 6,64$ e a menor infestação ocorreu no verão, em fevereiro/2019 com média de $1,52 \pm 0,93$. Em relação aos resultados deste trabalho, os índices de infestação por *V. destructor* estão dentro dos níveis determinados no Brasil por outros autores, comparando-se a situação das abelhas africanizadas em relação às subespécies de outros países. Entretanto, devido à pouca bibliografia para as regiões com clima tropical, como a região pantaneira, é indicado estudos de longa duração para o acompanhamento das variações nos níveis de infestação e possíveis danos às abelhas africanizadas causadas pelo ácaro *V. destructor*.